

ATÉ ONDE EU AGUENTO: OS LIMITES DO CORPO E A ARTE DA PERFORMANCE

JESSICA FERNANDES DA PORCIUNCULA¹; RENATA AZEVEDO REQUIÃO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – jessporc@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – ar.renata@gmail.com

1. INTRODUÇÃO — *De um povo heróico o brado retumbante*

Esta reflexão se dá em torno de uma perspectiva em que se associam o pensamento da produção poético-visual e o da pesquisa. Trabalho que vem sendo realizado desde 2019, por Jessica Porciuncula, artista, doutoranda e pesquisadora, sob orientação de Renata Azevedo Requião, acerca da exploração visual de elementos simbólicos vinculados à nacionalidade (por ex.: a bandeira, as cores verde e amarelo, o hino com seus termos), tensionando o conceito “identidade nacional brasileira”. Além disso, aqui se explora um movimento de escrita que busca se apropriar do Hino Nacional (ao longo da pesquisa o mesmo se dá sobre outras formulações verbais, ditos e expressões populares, que reforçam laços sociais), atrelando o processo de pesquisa e a busca por referências a articulações artístico-visuais e verbais.

Através da linguagem da performance, uma entre as linguagens visuais desenvolvidas na pesquisa, aproxima-se comparativamente a produção visual autoral, “Berço Esplêndido” (2019-24), a de outro artista brasileiro contemporâneo, “Empelo” (2023), Helô Sanvoy. Em ambas se percebe a busca por uma expressão estético-simbólica, associada a aspectos que diriam respeito a uma ideia de brasilidade. A reflexão, aproximando e afastando as duas performances, apoia-se em questões apontadas pelos livros “Estratégias da arte numa era de catástrofes” (2017), de Maria A. Melendi, e “Performance nas Artes Visuais” (2008) de Regina Melim. Neste diálogo comparativo, o limite do corpo é tomado em sua materialidade, como um componente fundamental na execução e na produção de sentidos da obra performativa. Pretende-se que haja aí, nas obras em questão, uma prática de ressimbolização associada ao contexto histórico-cultural do Brasil contemporâneo. Tendo Jessica e Helô como artistas “performers do limiar”, os quais lidam com a postura de um *povo heróico*, conforme indica o título desta introdução.

2. METODOLOGIA — *Brasil, um sonho intenso, um raio vívido*

Este trabalho de pesquisa se dá a partir de discussões do Grupo de Pesquisa “Artefatos para construção e leitura do pequeno território”, articulado, na UFPel, sob perspectiva transdisciplinar, pelo Projeto Unificado, de longa duração, reunindo pesquisadores de diversas áreas, intitulado “Viagens e lugares: mapas, topologias e linhas de fuga, configurações antropológico-poético-visuais”,

coordenado pela Prof^a. Dr^a Renata Requião (Bach-AV, PPG-A / CeArtes). No Projeto, se desdobram investigações e reflexões poético-críticas, a partir das expressões e criações de objetos estéticos-visuais-verbais de cada artista pesquisador. Através desses “objetos estéticos” escava-se e se acessa ao “pequeno território” — termo-conceito (Renata Requião), de matriz benjaminiana, que se refere ao lugar tornado existente quando a criação acontece; ao mesmo tempo, dependente das relações com o espaço (relações espaciais), elevadas a certo grau de consciência, necessário para que a criação se dê. A pesquisa crítico-poética de cada artista se dá pela percepção desse lugar, além da habitação subjetiva deste lugar, uma espécie de espaço ativado na durante a criação — um lugar como um *sonho intenso, raio vívido*.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO — Desafia o nosso peito à própria morte!

O Hino Nacional¹ é um dos quatro símbolos oficiais do Brasil. Segundo a Lei dos Símbolos Nacionais², há a exigência de uma postura corporal a ser seguida e cumprida durante a execução pública do hino. Todos os presentes devem estar em pé e em silêncio. Tal posição ereta demonstra o respeito à nação. Tanto em performances quanto em outras obras, nas quais se apropria de objetos como um macacão, cocar, plantas, entre outros, Jessica explora questões em torno da apropriação dos símbolos nacionais — o hino, a bandeira com suas cores verde-amarelo-branco-azul anil, o dístico “ordem e progresso — associando tais símbolos e sua estrutura a objetos e ações cotidianas. Especificamente na performance “Berço esplêndido”, se dá a partir de uma estrutura feita de madeira de tapume cor de rosa com pregos e buchas multiusos, nas verde-amarelas. A obra “Berço Esplêndido” é uma performance sobre um objeto instalativo, ativado pela ação de deitar sobre a estrutura configurada como uma espécie de cama de faquir (Fig. 1, abaixo). Diante da estrutura horizontal, no rés do chão, a artista deita cuidadosamente na cama de pregos, permanecendo lá no limiar de sua dor. Ou seja, até onde seu corpo frágil e magro, de mulher, aguenta — e em completo silêncio. Tal ação tem sido suportada por aproximadamente 45min.



Figura 1: “Berço esplêndido” de Jessica Porciuncula (2019-24). Fonte: Site do artista

¹ Letra de Joaquim Osório Duque-Estrada (1870–1927) e música de Francisco Manuel da Silva (1795–1865).

² A Lei dos Símbolos Nacionais do Brasil é o diploma legal que rege a feitura e o uso dos quatro símbolos oficiais do Brasil, a Bandeira, o Brasão de Armas, o Hino e o Selo; além de outros símbolos secundários.

A imagem da obra aponta para a formação da Bandeira do Brasil, a partir da configuração do objeto instalativo, em seu formato [o losango] e cores, e do corpo estendido no chão. O título refere-se ao “berço esplêndido”, do Hino Nacional, cuja expressão completa é “deitado eternamente em berço esplêndido”. Na obra performativa, o ato de deitar-se sobre a cama de pregos, pregados sobre o lado macio das buchas, se refere à completude do verso dito no hino, sem necessitar dizê-la de fato. O artista Helô Sanvoy desenvolveu a obra “Empelo” (2023), fotoperformance na qual o artista desenvolve uma ação até o seu “limiar” de sua dor. Na obra, o artista, um homem forte, de grandes dimensões tem o seu corpo suspenso, ficando pendurado à parede, com a qual forma um triângulo retângulo, apenas pelo couro cabeludo (Fig. 2, abaixo).



Figura 2: “Empelo” de Helô Sanvoy (2023), fotoperformance. Fonte: Site do artista

Na obra “Empelo”, o título é uma junção das palavras “em” e “pêlo”, e com isso há vários sentidos aí: empelo/entalo; empelo por pelado; por seguro pelos pelos longos; pelos negros pendurados em árvores — e afinal Helô não está exatamente pendurado, ele faz com a parede um ângulo de 90°, dando a ver um certo alinhamento e equilíbrio, além de toda força posta no corpo.

Ambas as produções se apropriam de ações relativamente sutis, nada extraordinárias, que entretanto põem o corpo humano em situações extremas. Ambas contam com o limiar da dor como um elemento na composição das obras. São ações performativas elevadas à uma dinâmica artístico-estética, implicada pela resistência à dor real enfrentada pelo artista visual, que configura a performance com seu corpo físico. O que faz deles, o que chamaremos de “performers do limiar”. Desdobrado do Campo da arte, esse aspecto do trabalho provoca a questão: o que aguenta o corpo do cidadão brasileiro? Talvez permita pensar que a mais simples ação cotidiana é um fardo que de tão repetido é insuportável — explicitando o verso *desafia o nosso peito à própria morte!*

4. CONCLUSÕES — *Verás que um filho teu não foge à luta*

Poder-se-ia dizer que o corpo brasileiro — o corpo negro, pardo e indígena —, devido a sua história, tem embutido em sua vida cotidiana a constante luta

enfrentada pela etnia, luta diretamente associada à luta de classe. Tal situação faz com que, cotidianamente, esses corpos, tomados como massa de manobra e não como pertencentes a sujeitos de desejo, cheguem a seus limites. Desde a década de 70, segundo Regina Melim³, alguns artistas trabalham a partir de ações que evidenciam a dor ritualizada, o esforço físico e a concentração além dos limites de tolerância do corpo, como Vito Acconci, Gina Pane, Chris Burden e Marina Abramovic (MELIM, 2008). A expressão da performance, nas artes visuais contemporâneas, parece tomar para si como potência, ações e circunstâncias, que, levadas ao limite dos corpos físicos dos performers, implicam numa crítica à hegemonia da simbologia. Simbologia que, quando se confunde com o nacional, descarta a história peculiar desses corpos, contando apenas a história dos vencedores. Maria Angélica Melendi, considerando obras de artistas latino-americanos, nos diz:

O corpo, como lugar de interdição, é ardentemente desejado, ao mesmo tempo em que, por ser considerado inferior e servil, é menosprezado e maltratado. Exibido como lugar do sofrimento e da exclusão, doente ou ferido, repulsivo, às vezes morto, o corpo denuncia uma condição de abjeção. Nessa perspectiva a abjeção é um gesto político, que implica a narração e a exposição do corpo humilhado, do corpo-cadáver, e o retorno permanente de um corpo hipersignificado. (MELENDI, 2017)

Os dois artistas lidam com o corpo colocado no lugar do objeto, subjugado, como “lugar de interdição”, por isso um “suporte eficaz”, conforme Melendi. Na expressão da Arte, ao se atribuir ao corpo uma determinada violência, levando-o ao limiar de dor, outra camada simbólica se desdobra sobre a obra. Ou seja, quando Helô sustenta-se pelos cabelos, ou quando Jessica se deita sobre a cama de pregos, literalmente *não foge à luta*. Ambas as obras comprometidas com outro jogo simbólico, a partir do qual novos sentidos e percepções se constroem.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MELENDI, M. A. Estratégias da arte em uma era de catástrofes. 1ªed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

MELIM, R. Performance nas Artes Visuais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008

PORCIUNCULA, J. P. Nasce a última que morre: uma investigação poética, crítica e simbólica acerca da identidade nacional nas artes visuais contemporâneas. **2023**. 100f. Dissertação (Mestrado em Artes). Orientadora: Renata Azevedo Requião. Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Pelotas, **2023**. Disponível em: <<https://l1nq.com/kCip9>>. Acesso em 15 de maio de 2025.

³ No livro *Performance nas Artes Visuais*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008